

**É O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, SUSTENTÁVEL?
(UMA ANÁLISE CRÍTICA A TODA A RETÓRICA QUE SE TEM FEITO EM
TORNO DO TEMA)**

Pedro Paulo Diniz EPIPHÂNIO

Faculdade de Agronomia e Engenharia Florestal (FAEF – Garça/SP)

Handrey Borges ARAUJO

Faculdade de Agronomia e Engenharia Florestal (FAEF – Garça/SP)

RESUMO

Desenvolvimento Sustentável é um daqueles termos que em nossos dias se ouve diariamente. E desde a década de 60, vem sendo discutido com mais e mais profundidade e graças a publicidade, saindo dos meios acadêmicos e de movimentos ambientalistas para todos os setores da sociedade. Mas, o grande problema jaz na seguinte expressão: entendemos o que é desenvolvimento, e o que é desenvolvimento sustentável. É conciliável o desenvolvimento sustentável e o crescimento econômico? Neste artigo faz-se uma análise crítica sobre o tema, abordando as variáveis que o envolvem e o grande dilema: crescimento x desenvolvimento sustentável.

Palavras chaves: sustentabilidade, ambiente, crescimento, ecologia.

ABSTRACT

Sustainable Development is one of those terms that nowadays has been spoken daily. Since 60's decade, this term has been discussed in a deeper way and today, thanks largely to the publicity, has left academic and ecologists environmental to reach the most of society. But, the biggest problem is in the following expression: really, we understand what development is, and what sustainable development is? Economic growth and sustainable development are reconcilable? A critical analysis is discussed in this article, about many variables that involve it and the dilemma: growth x sustainable development.

Key words: sustainability, environment, growth, ecology.

1. INTRODUÇÃO

Desenvolvimento sustentável é um daqueles termos que parece ter entrado para o nosso vocabulário, como uma moda. Fora do meio de ambientalistas e acadêmicos, nunca se tinha ouvido. Graças a publicidade, desde 1993 o termo tem se tornado muito comum nas discussões e debates. Os políticos falam disto apaixonadamente, e outros abordam acerca da necessidade e dos passos que devemos dar para a execução de uma política de desenvolvimento sustentável. Grandes empresas voltam-se para o assunto no intuito de mostrarem dedicação e cuidado com o meio ambiente, mas o fato é que muitos estão explorando a necessidade da sustentabilidade para melhorar a imagem da empresa e obter lucros. E vemos também a mídia, entusiasticamente tentando explicar o que significa este desenvolvimento sustentável, como o assunto do momento (RUSSEL, 1995).

Mas o que exatamente significa? Existem mais de uma centena de diferentes definições acerca do termo e tem havido muitos debates sobre os mais variados méritos e relevância. Mas um princípio comum à maioria destes é que nós devemos deixar o planeta tão bom como nós o encontramos. A definição desse conceito foi proposto pela Sra. Gro Harlem Brundtland, Primeira Ministra da Noruega, em um relatório pela Comissão Mundial do Meio Ambiente e Desenvolvimento, das Nações Unidas, intitulado *Our common future*, em abril de 1987. E define-o assim: “Desenvolvimento que atende as necessidades atuais sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atender as suas próprias necessidades” (CAVALCANTI et al, 1995).

O propósito é realmente digno. E se tais princípios não forem colocados em prática, nós poderemos ter danos irreparáveis nos ecossistemas do planeta (RUSSEL, 1995). Mas no meio de todo o clamor por um desenvolvimento sustentável, não deveríamos pensar se dentro da atual conjuntura econômica e social é possível? As conseqüências de uma catástrofe ambiental são assustadoras. É questionável se os conceitos correntes de sustentabilidade e desenvolvimento sustentável são realísticos ou adequados.

Encarar os problemas de forma realística é a única forma de encontrar soluções para eles e assim, sair de incertezas para criar um sentimento de esperança – embora, isto possa significar uma mudança de atitude e renúncias de algumas práticas já bem estabelecidas.

O fato de examinar as suposições e fatos dos modelos apresentados de desenvolvimento sustentável é um desafio relevante na busca de alternativas para uma verdadeira sustentabilidade. Desejo que por meio de uma análise crítica do presente modelo econômico, desafiar-nos na discussão e busca de modelos realmente sustentáveis e que de fato tragam esperança em meio ao caos.

2. DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

2.1. Histórico

Desde a década de 60 a comunidade internacional começou a se preocupar com os limites do desenvolvimento do planeta, onde se iniciaram grandes discussões sobre o risco de degradação total do ambiente. Elas ganharam tamanha repercussão que a ONU promoveu uma Conferência sobre o Meio Ambiente em Estocolmo (1972). Também neste ano, Dennis Meadows¹ e os pesquisadores do “Clube de Roma” publicaram o estudo Limites do Crescimento (*“Limits to Growth”*). Tal estudo concluiu que, se os níveis de industrialização, poluição, produção de alimentos e exploração dos recursos naturais se mantiverem, o limite de desenvolvimento do planeta poderá ser atingido, em no máximo, 100 anos, ocasionando diminuição da população e da capacidade industrial. O estudo recorria a teoria defendida por Malthus, na verdade, neo-malthusiana, como solução para a iminente “catástrofe”. As reações vieram de intelectuais do Primeiro Mundo (para quem a tese de Meadows representaria o fim do crescimento da sociedade industrial) e dos países subdesenvolvidos (uma vez que os países desenvolvidos

¹ Prof. Meadows ficou famoso em 1972 com o estudo com o Clube de Roma, chamado “Limits to Growth”, que enfatizava a limitação natural dos recursos baseados em modelos gerados pelo computador. Ele é professor emérito de Política de Sistemas e Pesquisa de ciência Social na Universidade de New Hampshire, USA.

queriam “fechar a porta” do desenvolvimento aos países pobres, com uma justificativa ecológica) (CAVALCANTI et al,1995).

Maurice Strong, que se tornou o primeiro diretor executivo para o Programa Ambiental das Nações Unidas, sugeriu em 1973, o conceito de ecodesenvolvimento, baseado nos princípios formulados por Ignacy Sachs, um economista polonês, naturalizado francês. Sachs, também é referido como "ecossocioeconomista" por sua concepção de desenvolvimento como uma combinação de crescimento econômico, aumento igualitário do bem-estar social e preservação ambiental. Ignacy Sachs lançou alguns dos fundamentos do debate contemporâneo sobre a necessidade de um novo paradigma de desenvolvimento, baseado na convergência entre economia, ecologia, antropologia cultural e ciência política. Suas idéias são hoje mais claramente compreendidas, no cenário das mudanças climáticas e da crise social e política mundial.

Assim a proposta de Maurice para os caminhos do desenvolvimento seriam seis:

- satisfação das necessidades básicas;
- solidariedade com as gerações futuras;
- participação da população envolvida;
- preservação dos recursos naturais e do meio ambiente;
- elaboração de um sistema social que garanta emprego;
- segurança social e respeito a outras culturas;
- programas de educação.

Referindo-se principalmente às regiões subdesenvolvidas e uma crítica à sociedade industrial. Os debates em torno do ecodesenvolvimento é que abriram espaço para o conceito de desenvolvimento sustentável.

Em 1974, é elaborada pela ONU, a Declaração de Cocoyok² (BRÜSEKE, 1995). A qual trazia uma visão diferente a respeito das regiões diagnosticadas na África, Ásia e América Latina, afirmando que a destruição ambiental dos continentes é a explosão

² A Declaração de Cocoyok resultou de uma reunião da UNCTAD (Conferência das Nações Unidas sobre Comércio-Desenvolvimento) e do UNEP (Programa de Meio Ambiente das Nações Unidas), em 1974.

demográfica, resultante da pobreza, que força a população carente à superutilização do solo e dos recursos naturais. Os países industrializados contribuíam para esse quadro com altos índices de consumo. Para a Organização das Nações Unidas, não há apenas um limite mínimo de recursos para proporcionar bem-estar ao indivíduo; há também um máximo.

A ONU voltou a participar na elaboração de um outro relatório, o Dag-Hammarskjöld, preparado pela fundação de mesmo nome, em 1975, com a participação de políticos e pesquisadores de 48 países. O Relatório Dag-Hammarskjöld completa o de Cocoyok, afirmando que as potências coloniais concentraram as melhores terras das colônias nas mãos de uma minoria, forçando a população pobre a usar outros solos, promovendo a devastação ambiental. Ambos os relatórios têm em comum a exigência de mudanças nas estruturas de propriedade do campo e a rejeição pelos governos dos países industrializados.

A Comissão Mundial da ONU sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (UNCED) em 1987, apresentou o documento *Our Common Future*, conhecido por relatório Brundtland. O relatório não apresentou críticas à sociedade industrial que caracterizaram os documentos anteriores; demanda crescimento tanto em países industrializados como em subdesenvolvidos, inclusive, associando a superação da pobreza ao crescimento contínuo dos primeiros. Assim, convenientemente, foi bem aceito pela comunidade internacional.

A Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro em 1992, aprovou a *Agenda 21* – documento que estabelece um pacto pela mudança do padrão de desenvolvimento global para o século XXI, na forma de compromissos que expressam o desejo de mudança das nações do atual modelo de civilização para outro em que predomine o equilíbrio ambiental e a justiça social. Entretanto, as discussões foram ofuscadas pela delegação dos Estados Unidos, que forçou a retirada dos cronogramas para a eliminação da emissão de CO₂ (que constavam do acordo sobre o clima) e não assinou a convenção sobre a biodiversidade.

No nível internacional, as metas propostas pelo Relatório sugerem que as organizações do desenvolvimento devem adotar a estratégia de desenvolvimento

sustentável; a comunidade internacional deve proteger os ecossistemas supranacionais como a Antártica, os oceanos, o espaço; as guerras devem ser banidas e que a ONU deve implantar um programa de desenvolvimento sustentável.

2.2. Desenvolvimento e Crescimento

Aqui estão os maiores desafios. Ao discorrer historicamente sobre programas e relatórios de fundações, ONG e pela própria ONU, devemos avaliar a realidade presente no planeta e o grande dilema que se defronta entre desenvolvimento e crescimento. Para se ter um desenvolvimento sustentável é necessário compreender se é possível continuar crescendo. Dentre as muitas propostas dos relatórios citados, apresentadas e aceitas, vemos que não há uma ação coerente entre crescimento e sustentabilidade. O que propriamente? A necessidade de mudarmos o modo como encaramos os recursos naturais diante da atual demanda (HÄNI, et al., 2007).

Crescer significa aumentar a exploração acima do que exploramos. Se vamos aumentar precisamos de mais recursos. Por isto questionamos se desenvolvimento sustentável é compatível com crescimento. Maior crescimento populacional, maior demanda por produtos industriais, ou seja, crescimento, e isto é o centro da crise.

As nações desenvolvidas têm experimentado um crescimento econômico sem precedentes. Em média, as nações ocidentais consumiram mais de 100 vezes recursos em termos pessoais que uma pessoa 200 anos atrás em plena revolução industrial. No mesmo período, a população tem crescido por um fator de 10. A combinação destes dois crescimentos resulta em num incremento de 1000 vezes no consumo, e juntamente um correspondente acréscimo em lixo e poluição. Ambos os crescimentos estão continuando. Espera-se que a população mundial dobre nas próximas décadas.

Segundo A FOLHA, “O estudo, elaborado pela divisão de população do Departamento de Assuntos Sociais e Econômicas da ONU (DESA), analisa as tendências demográficas a nível nacional, regional e mundial, com a idéia de servir

como indicador para as pesquisas e estatísticas que são feitas no órgão (POPULAÇÃO, 2007).

A previsão da pesquisa é que o mundo terá um aumento de 2,5 bilhões de habitantes nos próximos 43 anos, passando dos 6,7 bilhões que deverá alcançar em julho deste ano a 9,2 bilhões em 2050, segundo o informe.

O aumento equivale ao tamanho total da população do mundo no ano de 1950 e será absorvido, em sua maioria, pelos países em desenvolvimento, que devem passar, sozinhos, de 5,4 bilhões de habitantes em 2007 para 7,9 bilhões de habitantes em 2030.

E de acordo com esta projeção, atingiremos cerca de 9 bilhões de habitantes em 2054 (Figura 01).

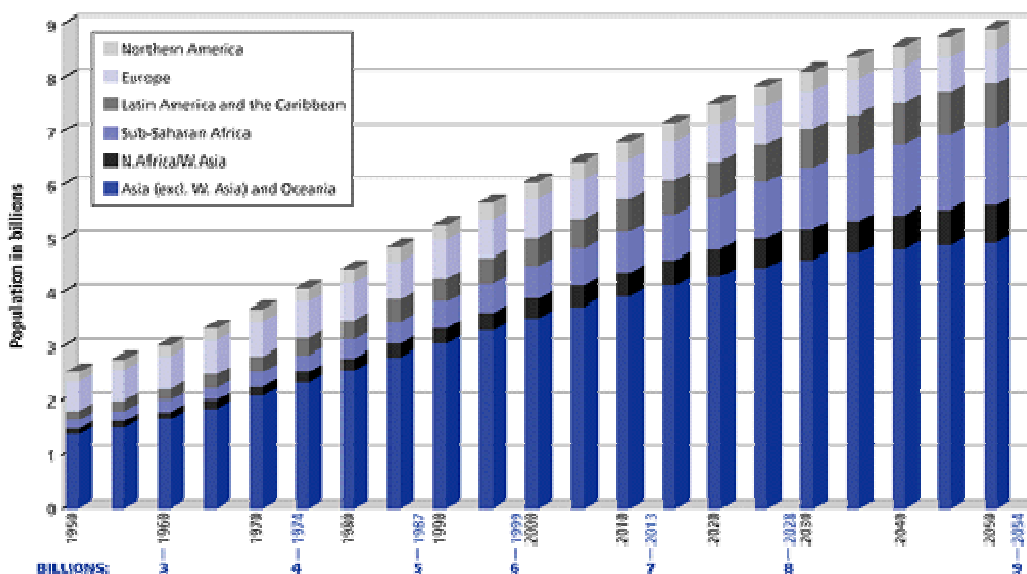


Figura 01 – Projeção para o crescimento da população Mundial (Fonte:United Nations)

Isto significa muito mais bocas para serem alimentadas e corpos para serem abrigados. Além disto, duplicar a produção industrial, o consumo e termos duas vezes mais resíduos residenciais e poluição.

Seria o caso de haver zero de crescimento industrial per capita? E o que seria do emprego? Os países em desenvolvimento e principalmente os mais pobres precisam de

desenvolvimento econômico. Precisam de água limpa, habitação, remédios e emprego. Portanto, é imprescindível que se cresça.

Enquanto isto, as nações mais desenvolvidas argüem que também precisam de crescimento econômico para manter seus padrões de vida. E como citado nos muitos relatórios, a pobreza do terceiro mundo é responsável pela maior contribuição em termos de desmatamento, contaminação de água, pastagens extensivas e erosão de solo.

2.3. Crescimento Zero

Em seu livro, *Growth Illusion (A Ilusão do Crescimento)*, Douthwaite (1992), diz que a sociedade responde as competições entre bancos e que crescimento significa mais veículos trafegando, que as crianças modernas não podem mais brincar seguramente. Além disto, as grandes corporações estão se impondo sobre as outras, expandindo suas fronteiras. Planejando e crescer e se tornarem ainda maiores. O marketing das corporações impondo o consumo e no final, vemos mensagens de sustentabilidade como forma de ofuscar nossa visão.

Alguns tecnólogos defendem que com tecnologias mais limpas poderemos crescer sem resultar em maior consumo ou poluição. Cada nova tecnologia é saldada como a “salvadora da pátria”, como vemos hoje no Brasil a questão do etanol e do biodiesel, que se tornou uma forma de marketing do país, mas, qual será o custo ambiental disto? Por outro lado, o próprio governo está pressionando os órgãos ambientais para que haja licenciamento para a construção de hidrelétricas na região amazônica, por causa do risco de apagão. Para quê mais energia? Para não deixar de crescer. Não se admite deixar de crescer, ainda que seja numa taxa menor, mas a busca será sempre pelo crescimento e desenvolvimento. Boas notícias para o governo e para a mídia é dizer que estamos crescendo. Agora, qual será o preço e quem vai pagar a conta? Por isto a discussão sobre desenvolvimento sustentável é muito mais complexa do que tem se apregoado. Não se pode deixar de ver o que é retórica e o que é fato. Quando vemos que o crescimento de países como a China, Índia, Rússia e o próprio Brasil, não podemos conciliar crescimento e desenvolvimento. Sem contar que os países mais ricos foram os que mais exauriram os recursos naturais e continuam sendo os maiores beneficiários dos recursos naturais dos países menos desenvolvidos. Crescer

5% ao ano nos próximos 30 anos, correspondendo a 250% de aumento na produção. Se extrapolarmos para 100 anos significa 13000% de acréscimo na produção.

Os indicadores que definem a melhoria de vida são muitas vezes ambíguos. Douthwaite diz, em seu livro: “ingestão maior de proteínas e calorias, mais telefones, mais veículos e governos que quebram contratos com menos freqüência. A evidência que a vida ficou melhor durante o crescimento é surpreendentemente, desigual.”

Assim, quando se propõe um desenvolvimento sustentável é necessário responder a uma pergunta crucial: Até que ponto poderemos crescer? É compatível o crescimento e o desenvolvimento sustentável? Como crescer e não agredir a natureza? Parece que estes termos não podem ser colocados do mesmo lado: sustentável e crescimento. Na verdade precisamos parar para avaliar todo o sistema de vida que temos, nossos valores e projetos e nos perguntarmos:

Seria possível diminuir nosso padrão de vida?

Haverá alguma alternativa para este impasse?

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para se alcançar melhores soluções é necessário “cozinhar o bolo”, discutir incansavelmente o tema até surgirem estratégias e programas que contemplem o todo e não somente um momento da história humana ou apenas soluções paliativas. Vivemos numa hora crítica na história da humanidade e não podemos buscar soluções de acordo com a forma que temos vivido até agora. Em todos os setores da sociedade deve haver uma reflexão, para onde estamos indo. Que estamos realizando de fato e com que propósito. Qual é o limite do nosso planeta e como poderemos explorá-lo.

Temos sempre pensado na produção, nas muitas formas de extrairmos mais. O fato é que não produzimos, mas tomamos daquilo que existe na natureza e manipulamos. Podemos fazer isto de forma inteligente ou de forma depredatória.

Encontramos hoje, dois comportamentos equivocados: o primeiro é assemelhar o homem com a natureza, no sentido de dizer que ele é igual a um capim. Sei que dizer isto é um pouco filosófico, mas é assim que a filosofia panteísta diz, projetando na natureza as reações humanas, onde alguém olha para um gato e pensa que ele vai reagir da mesma maneira que um homem. Por outro lado, encontramos aqueles que se colocam tão superiores que não temem degradá-la a ponto de exaurir ao último qualquer recurso ou bem advindo dela, por se sentirem como donos dela e poderem fazer o que bem entendem.

Ambas as atitudes não fazem sentido quando se olha mais detidamente para o propósito da vida. A verdade é que ou o homem se torna escravo da natureza ou a destrói.

Schaffer (1986) diz que “A perspectiva do homem moderno está destituída de categorias e sem qualquer fundamento sobre o qual edificar.” A seguir ele cita uma expressão de Lynn White: “A atitude das pessoas para com a ecologia depende do que pensam de si mesmas em relação a tudo que as rodeia. A ecologia humana está profundamente condicionada ao que cremos acerca da nossa natureza e destino,...” Assim, de fato, qualquer que seja o nosso ponto de vista sobre o mundo, o transferiremos para o mundo exterior. E isto é uma realidade em todos os setores. White diz ainda sobre o homem moderno que “a base é a mudança do pensamento do homem.” De fato, quando olhamos a nossa volta e vemos o estado do ser humano, verificamos que o grande problema humano é moral e ético. Quando não se valoriza a vida, o ser humano e conseqüentemente o ambiente onde se vive, não há regras que possam ser impostas. Assim a arrogância predomina e o desejo incansável de possuir mais, de uma forma que degrada. Por isto, sustentabilidade é mais do que relatórios, estatísticas, ou projetos, é uma mudança naquele que está causando a destruição do seu próprio habitat, o homem. É uma reflexão de valores, da moral e da ética. Quando vemos o estado moral das nações, a corrupção sem medida, a busca pelo lucro de qualquer maneira burlando o fisco, atropelando o mais fraco, como podemos falar de desenvolvimento sustentável? Para que todas as formas de relação do homem com a natureza ocorram com o menor dano possível ao ambiente, as políticas, os sistemas, devemos nos perguntar: qual é a nossa consciência dos verdadeiros valores da vida?

4. BIBLIOGRAFIA

BRÜSEKE, Franz J. **O Problema do desenvolvimento sustentável**, In: Cavalcanti, Clóvis (org) **Desenvolvimento e natureza – estudos para uma sociedade sustentável**, São Paulo: Ed. Cortez, 1995. 320 p.

CAVALCANTI, Clóvis (org) **Desenvolvimento e natureza – estudos para uma sociedade sustentável**, São Paulo: Ed. Cortez, 1995, 460 p.

DOUTHWAITE, R.J. **Growth Illusion, Is economic growth making our lives any better?** Lilliput Press, Ireland, 1992, 383p.

HÄNI, F. J., PINTÉR L. and HANS R. H. **Proceedings and outputs of the first Symposium of the International Forum on Assessing Sustainability in Agriculture (INFASA)**, March 16, 2006, Bern, Switzerland. A Dialogue on Sustainable Agriculture From Common Principles to Common Practice. Disponível em: <<http://www.worldbusiness.org/>> Acesso em: 04 dez. 2007.

POPULAÇÃO mundial superará 9,2 bilhões em 2050, estima ONU. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u105445.shtml>> Acesso em: 04 dez. 2007.

RUSSELL, Peter. **Is Sustainable Development Compatible with Western civilization?** Originally published in Perspectives, the journal of The World Business Academy, 1995. Disponível em: <<http://www.worldbusiness.org/>> Acesso em: 04 dez. 2007.

SCHAFFER, F. A. **Poluição e a Morte do Homem, uma perspectiva da ecologia.** 2 Edição, Rio de Janeiro: Juerp, 1986. 139 p.